



Newsletter n.º 2  
julho de 2015

Associação Portuguesa de Engenheiros para o Desenvolvimento Social

## EDITORIAL

*Rui Sá Pessoa*

Fazendo o ponto de situação...

Passaram quatro anos desde a fundação desta nossa Associação. Não foi fácil mobilizar e juntar oitenta e seis colegas para lançar a actividade de uma associação sem fins lucrativos, fundamentalmente constituída por engenheiros, actuando em favor da Sociedade e do mundo da CPLP.

Ao longo destes anos foram tomadas iniciativas, no âmbito do que está preconizado nos Estatutos, procurando através de pequenos passos, divulgar e mostrar a multiplicidade do seu campo de acção, na tentativa de mobilização de aderentes e entusiastas para acompanharem a APEDS nestas e noutras iniciativas, porventura bem mais ambiciosas.

Os Estatutos e a Organização dos Corpos Sociais dão a esta Associação uma flexibilidade enorme que lhe permite actuar em áreas que entendemos da maior actualidade: relacionamento inter-geracional, envelhecimento activo, solidariedade.

O lançamento da Casa/Campus do Engenheiro é um dos ambiciosos objectivos da Associação. Para que tal objectivo tenha sucesso torna-se indispensável haver uma clara manifestação dos colegas da Associação, dos seus simpatizantes, dos colegas engenheiros e de todos aqueles que poderão vir a usufruir da mesma, no sentido de participarem e contribuírem com algum do seu tempo, entusiasmo e ideias para levar a “bom porto” esta iniciativa.

Assim como linha mestra desse objectivo propomos a criação de Núcleo de Amigos da Casa/Campus do Engenheiro, cujo fim será o de apoiar o C.E., e ainda o estabelecimento de Protocolo de cooperação activa com a Ordem dos Engenheiros tendo também por fim último a criação da Casa/Campus do Engenheiro.

Aguardamos essas demonstrações de interesse ([apedes@apedes.eu](mailto:apedes@apedes.eu)), para que tenhamos uma ampla e muito activa capacidade de intervenção, e que simultaneamente comprove ser este nosso objectivo realmente acompanhado por um número significativo de colegas.

Temos a certeza que os objectivos desta Associação em nada colidem com outras Organizações/Instituições ligadas ao mundo da Engenharia. Será pois fácil e de todo o interesse conjugar esforços para que todas elas atinjam na perfeição os seus objectivos.

Sentimo-nos orgulhosos das iniciativas tomadas, e de passos dados na preparação de outras para o futuro, sempre com prazer e muito esforço dos envolvidos. Não escondemos alguma frustração por não termos ido mais além. A limitação de meios, de toda a natureza, nomeadamente humanos e de tempo, a tal nos condicionou.

Agradecemos a todos os que nos foram transmitindo a sua amizade e simpatia, a colaboração da Ordem dos Engenheiros e dos seus Órgãos, das Instituições e seus dirigentes que nos acompanharam em algumas das iniciativas, bem como parceiros com quem se estabeleceram Protocolos de colaboração e amizade.

Agradecemos ainda à MirandaLaw que desde o início e graciosamente connosco tem colaborado.

## Notícias da APEDS

*Mário Gonzalez*

### A APEDS e os Quadros desempregados

Durante a sua curta vida activa, mas já a aproximar-se do lustre, a APEDS tem sentido dificuldades de mobilização de pessoas para execução das mais diferentes tarefas, exigidas por uma associação de solidariedade e desenvolvimento social. Enquanto se constata que é possível, e relativamente fácil, congregar colaboradores para algumas reuniões e troca de ideias, já se afigura muito menos realizável conseguir trabalho individual de longo/médio prazo, trabalho esse que pode requerer elevada formação, mas alterna, muitas vezes, com tarefas corriqueiras e de pouca exigência intelectual.

Paralelamente, a APEDS tem vários colegas associados, com longa vida profissional e larga experiência, que se encontram em situação de Desemprego e, como tal, sujeitos pelo IEFP a várias Obrigações que visam garantir que não prosseguem uma vida de ócio e lazer, ou de ocupação remunerada paralela, enquanto recebem mensalmente o subsídio estabelecido.

Entre as várias Obrigações impostas pelo IEFP, temos:

- a da apresentação quinzenal na Junta de Freguesia, para evidenciar que não se encontra ausente no estrangeiro ou noutro local deste País em laboração ilegal;
- a demonstração de procura activa de emprego, com um número mínimo mensal de respostas a anúncios;
- a frequência de cursos básicos de formação sobre várias matérias completamente inadequadas a Profissionais com uma longa Carreira. A aplicação destas regras a um quadro com largos anos de progressão laboral e experiência comprovada, não tem qualquer efeito positivo e, na opinião da maioria dos engenheiros (e outros quadros profissionais) nesta situação, chega a ser humilhante.

[Continua](#)



Tentando contribuir de um modo proactivo para a resolução dos problemas anteriores, representantes da Comissão Executiva da APEDS reuniram-se com o Sr. Bastonário da Ordem dos Engenheiros, tendo-lhe apresentado um plano, segundo o qual as Obrigações impostas pelo IEFP, quando aplicadas a um quadro de longa vida profissional, poderiam ser substituídas por Actividades de Índole Social e Voluntariado, as quais seriam prestadas em Associações de Solidariedade Social ou ONGs e garantiriam a estas um número mínimo de horas mensais a acordar.

Aquelas Organizações apresentariam relatórios periódicos junto do IEFP, indicando o número de horas de Trabalho Social prestadas pelo Profissional Desempregado e quaisquer outras informações que fossem consideradas relevantes.

Esta proposta foi detalhada por escrito e o documento entregue ao Sr. Bastonário, que prometeu levá-lo à reunião periódica do CNOP, Conselho Nacional das Ordens Profissionais, procurando obter a adesão destas para uma ideia cuja finalidade última é possibilitar aos Profissionais Desempregados um “Sentimento de Utilidade Social”, resultante de adequado enquadramento pessoal na sociedade, de um acréscimo na motivação ocupacional e do facto de o Estado, representado pelo IEFP, os reconhecer como trabalhadores com uma Longa Carreira Profissional que, “por lapso da sociedade”, se encontram pontual e temporariamente desempregados.

## Notícias da APEDS

*Acácio Frade*

### Vamos recordar as atividades desenvolvidas em 2014

#### A. Assembleia Geral Ordinária da APEDS:

Realizou-se a 3 de Julho de 2014, tendo sido analisados e aprovados o Relatório de Actividades e o Balanço e Contas do exercício relativo ao ano de 2013. Foi ainda discutido e aprovado o Plano de Actividades e o Orçamento para o ano de 2014.

#### B. Algumas actividades desenvolvidas:

Patrocinado pela APEDS, foram feitos em Moçambique 500 exemplares do livro da “Formiga Juju”. Dado o êxito desta iniciativa foi proposto fazer-se uma segunda edição.

A 2ª Sessão do Círculo de Viagens e Fotografia da APEDS, realizou-se no dia 27 de Novembro, no auditório da Ordem dos Engenheiros. A palestra, apresentada pelo Dr. Paulo Ferreira Alves, com interessantíssimas imagens, suscitou grande interesse da plateia e posterior debate. Seguiu-se um jantar-convívio no Restaurante da Ordem.

Com a aproximação do Natal de 2014, decorreu entre os dias 5 e 19 de Dezembro a habitual Campanha de Solidariedade da APEDS, com o apoio da Ordem dos Engenheiros, LNEC, IAPMEI e LNEG. Os donativos foram entregues ao Banco Alimentar Contra a Fome (Lisboa, Coimbra e Porto), ao Instituto de Apoio à Criança (Lisboa e Coimbra) e no Porto à APDES - Agência Piaget para o Desenvolvimento (livros e brinquedos).

Também, como tem sido hábito, a empresa de Alenquer Transportes Amadeu Ramos transportou os bens angariados para as instituições de Lisboa.

[Continua](#)

## Notícias da APEDS

Continuação

### C. Atrasos nos pagamentos das quotas:

Verificam-se grandes atrasos nos pagamentos das quotas, pelo que se apela a todos os associados rápida regularização da situação. Só assim será possível dar cumprimento aos objectivos da nossa Associação.

Recorda-se que o valor anual da quota é 60,00€, vencendo-se 30,00€ a partir de 1 de Janeiro de cada ano e outro tanto a 1 de Julho. As transferências das quotas devem ser feitas para a conta da APEDS com o NIB: 0035 0326 00005398130 40.

## Curiosidades

*Sidónio Mota*



- Como é que o tio João se habituou a não morrer?

Continua

A Maria, minha filha, nos seus quase cinco anos, achava que o tio-avô já estava fora de prazo e não encontrava explicação para que continuasse vivo... a não ser o hábito!

Num fim de dia de 1971, vinha finalmente de férias da guerra. Por pequenos contratempos, o avião saíria de Mueda já tarde. O céu avermelhado e limpo evoluía a caminho da noite. Naquele norte de Moçambique o cheiro no fim do dia é inesquecível, a brisa vinda da floresta transporta-nos a ela.

A pista, de uso militar exclusivo, era assinalada por duas fiadas de latas com archotes a gásóleo. Não tinha iluminação. Depois, os candeeiros eram apagados e recolhidos um a um.

Voava-se, em bancos rebatíveis, de costas para a parede do Nord-Atlas; no meio, ancorada ao chão e ao tecto, a carga. Em zona reservada à frente alguns feridos e um morto.

Após meia hora de voo o motor direito começou a arder.

- Ó Ambrósio, agora tens o avião equipado com motores pirotécnicos? Disparou o Valadares que viajava despreocupado próximo da cabine.

Daí a pouco, o avião iniciou a manobra de retorno a Mueda, onde entretanto começaram a acender os archotes e a distribuí-los novamente ao longo do percurso para que pudéssemos aterrar... Acabámos por não o fazer porque entretanto se extinguiu o fogo, não a nossa preocupação. Essa manteve-se até Nampula.

Pensei nestes momentos numa velha lata que, em posição de destaque, nos recebia com uma ementa que não me agradava: *“Bem-vindos a Mueda, terra da guerra, aqui trabalha-se, luta-se e morre-se”*... não deixava escapatória.

Uns meses mais tarde saí de Mueda para Nacala num helicóptero que fez todo o percurso quase em voo rasante. Era uma bela manhã de Fevereiro que sempre nos acompanhou nos mais de quatrocentos quilómetros até ao destino. No fim quis saber:

- Ouve lá, porque é que voámos tão baixo?  
- Porque viemos com uma avaria na turbina e podíamos ter de aterrar a qualquer momento, respondeu-me o comandante.

Como diria a Maria: habituei-me a não morrer...

# Lisboa

*Vista por Sidónio Mota*

## I - Chiado - Um Ambiente Recuperado

Sentado numa mesa de esplanada está Fernando Pessoa e com ele, na sua mesa, vão estando os que nela se sentam para a fotografia. Há um corrúpio de gentes em torno da Rua Garrett, os que passeiam, os que vendem, os que olham e os que se sentam.

Uma cigana, de óculos escuros no alto da cabeça, fala ao telemóvel. Fala tão alto, que nem precisaria de aparelho para se fazer ouvir do outro lado. Na mão a mercadoria que, à revelia dos regulamentos, vai vendendo.

A figura de um velho desdentado, colocado sobre a porta da “Brasileira”, observa a cena enquanto saboreia um café, o café da Casa. Velho conceito... hoje é impossível fazer um anúncio que não transmita juventude e sucesso.

Gente de outras paragens, de mini-saia ou calções, com e sem chapéu cruza-se com o cauteleiro e com o burocrata que, de pasta e gravata, passa para o escritório. Mais à frente, um cavalheiro de cuidada barba branca passeia o cachimbo e a esposa; logo a seguir a esplanada da “Benard” anima também a zona... é difícil arranjar lugar, os funcionários, num permanente vai-e-vem, palmilham quilómetros. A velha senhora está descontente com a temperatura do café e especifica: “Pedi em chávena escaldada!”.

Quando uns transpiram e rezam para que a temperatura baixe, outros querem-na escaldada. É curiosa a quantidade de variantes em torno do café: curto, cheio, pingado, em chávena fria, italiana, em chávena escaldada, de saco, com espuma e sem ela...

O muro que circunda a escada da estação do metro é um pólo de atracção. Nele se sentam os que observam a cena, as esplanadas e os passantes e se apoiam os músicos de maior ou menor valia na procura de uns euros que lhes permitam financiar a digressão.

Continua



Alguns têm bom desempenho outros deviam ser pagos para não tocar. Com um jovem de avantajados calções passa uma dama que perde a *écharpe* sem dar por nada... pelos vistos estava a mais.

Por aqui se ouve inglês, italiano, alemão e espanhol, “leste” e “oriente”. A propósito, onde andam os “qué frô”?

Do Largo do Chiado temos a vista do Castelo de São Jorge com os seus pinheiros por sobre o edifício do Centro Comercial.

Algumas obras na zona vão dando nova vida a velhos edifícios. No Chiado, um grande incêndio em 1988 destruiu 17 edifícios numa noite de pesadelo.

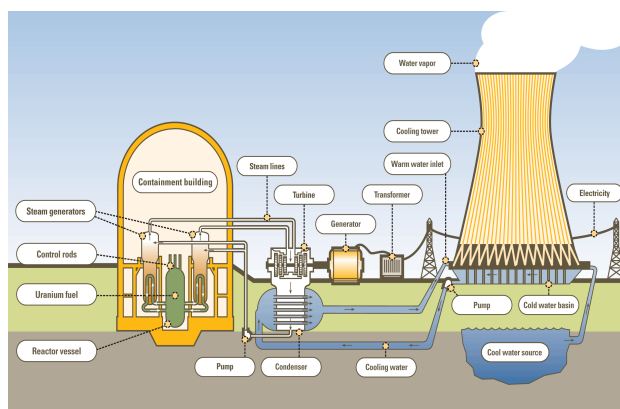
Para a Rua Anchieta encaminha-se uma mãe com a filha pela mão. Vão à “Vida Portuguesa”. É uma loja onde se vendem memórias. Coisas de há meio século só conhecidas e recordadas pelos que então já existiam. Logo à entrada, lápis Viarco, lápis de cor em caixinhas de 6 e 12 que faziam os encantos dos meninos de há muitos anos; quando não havia quase nada, nem sequer televisão.

As estantes da “Vida Portuguesa” são uma viagem ao passado, nelas encontramos: Sabonetes Alfazema de Portugal e Musgo Real, Pasta Medicinal Couto (que agora perdeu o Medicinal por imposições legais), Creme Hidratante para o Rosto com Aroma a Rosas de Ach. Brito e o Benamor Alanteíne (creme de mãos reequilibrante). Mais adiante os lápis hemostáticos Cutoline, os pincéis Semogue para a barba e o Restaurador Olex para colorir o cabelo.

Na loja com aspecto de anos 50, onde se vendia de tudo, encontramos também “Estrelas da Noite” - “inspirados nos mais ferverhantes *dancings* de Lisboa dos anos 20”, sabonetes enriquecidos com óleo de flor de onagre, e... sabonete líquido alface, blocos de notas “Serrote”, baralhos de cartas, carrinhos de madeira, açúcar baunilhado “Coração”, baldes e formas, rebuçados S. Francisco Xavier de mentol e eucalipto com limão, sangacho de atum “Catita”, pedacinhos de atum “Risonho”, Farinha 33 e cevada especial “Moreninha”.

Coisas ressuscitadas de tempos idos!

## *O reator nuclear compacto promete mudar o mundo*



Um reator de fusão nuclear compacto, com capacidade para alimentar até 100 mil casas com energia “super limpa”, foi apresentado pela empresa norte-americana Lockheed Martin, empresa norte-americana ligada à aeronáutica e tecnologia militar, e poderá estar disponível dentro de dez anos.

O modelo apresentado tem dois metros por três e capacidade para cem megawatts, podendo fornecer energia a aviões, naves espaciais - ou até uma pequena cidade com 100 mil habitações.

Trata-se de um invento que pode mudar a civilização tal como a conhecemos.

A fusão nuclear - a fusão do núcleo dos átomos que acontece nas estrelas - tem sido estudada há décadas e é considerada o “Santo Graal” da energia, já que, ao contrário da fissão nuclear das centrais atômicas (e da bomba atômica) não produz resíduos radioativos de longa duração.

A proposta agora apresentada é inovadora, por se propor construir um [reator compacto](#).

O contentor magnético será capaz de suportar temperaturas extremamente altas, até centenas de milhões de graus.

“Ao conter esta reacção”, explica a empresa, “podemos libertá-la de forma controlada para criar energia que possa ser usada”.

O calor produzido através deste reactor de fusão compacto permite alimentar geradores ao substituir as câmaras de combustão por permutadores de calor.

**Thomas McGuire**, investigador do MIT e líder do projecto, explica que o reactor compacto poderá vir a estar operacional em 10 anos.

Ao contrário da fissão nuclear das centrais e bombas atómicas, baseadas no conceito de que uma pequena quantidade de energia incide num material radioactivo instável e liberta uma grande quantidade de energia, a fusão nuclear é baseada no conceito de que **dois átomos de um material não radioactivo colidem a grande velocidade**, formando um terceiro átomo e libertando uma grande quantidade de energia. Este processo só acontece nas estrelas, onde as **enormes temperaturas** provocam a fusão dos átomos no seu estado natural.

O “Santo Graal” da produção de energia é conseguir provocar uma **fusão nuclear “a frio”** (a uma temperatura “normal”), numa “reacção eficiente” ou seja, que liberte mais energia do que a necessária para a provocar - e capturar essa energia para uso corrente.

A fusão nuclear apresenta duas grandes vantagens sobre a fissão: é uma fonte de energia segura (não apresenta riscos de **libertação acidental de materiais radioactivos**) e considerada “**energia limpa**” porque a reacção não produz resíduos tóxicos cujo **armazenamento a longo prazo** levanta cada vez mais dificuldades.

*Fonte: Site ZAP, 16/10/2014*

## Assuntos diversos

*Acácio Frade*

Nesta rubrica, sem assunto certo, nem preocupação de fazer escola literária, antes distrair ou chamar a atenção para provérbios, ditos, situações do dia a dia, etc.

Aceitam-se sugestões e ideias para esta rubrica dos **Assuntos Diversos**.

### Cuidados a ter em roaming

Com o advento dos smartphones e o mundo que com eles se nos abre em termos de mobilidade e comunicação, habituamo-nos à sua utilização indiscriminada (por vezes exagerada), mas há que ter atenção os custos associados quando nos deslocamos ao estrangeiro.

Informe-se sempre junto do seu operador de telecomunicações, de quais os encargos de utilização, nomeadamente no acesso à internet, quando atravessar a fronteira.

Para quem tem, por exemplo, um pacote básico de telefone fixo, internet, televisão e telemóvel, fique a saber que certamente será prudente desligar a **“Utilização de dados móveis”**, para evitar surpresas muito desagradáveis na conta do telemóvel no regresso a Portugal.

Aproveite o wi-fi grátis, actualmente existente em muitos locais, para “navegar em marés calmas e pouco perigosas”.



## Segurança rodoviária

*Acácio Frade*

Continuando com a minha cruzada sobre segurança rodoviária, partilho convosco algumas reflexões sobre algumas das razões que contribuem para os acidentes nas estradas.

[Continua](#)

1. A nossa sinalização vertical e horizontal, principalmente esta, peca por insuficiente, confusa, contraditória, mal localizada e muitas vezes inexistente.

Quem não teve já dúvidas, ao aproximar-se de um desvio, cruzamento, ou entroncamento, qual a via a tomar?

Faltam as indicações com a suficiente antecedência e legibilidade sobre o sentido a seguir, assim como, em vias rápidas, as indicações escritas no pavimento das direcções propostas.

Até parece que as vias foram feitas apenas para os locais que as utilizam diariamente.

Já alguém se questionou porque é que, com alguma frequência, aparecem notícias de condutores que circularam em contra-mão em vias com separador central?

Certamente que, se as indicações nas zonas de acesso, fossem esclarecedores, legíveis e facilmente interpretáveis, isso certamente não sucederia com tanta frequência.

Quem não teve já dúvidas, ao entrar numa via (rápida?) urbana, com separação de sentidos, qual a velocidade máxima permitida?

2. A falta de iluminação é outro dos problemas recorrentes nas nossas ruas e estradas, principalmente junto a passeadeiras de peões, cruzamentos, entrocamentos e rotundas.

Aqui acresce outro problema. Para cortar nos custos da energia, algumas (todas?) Câmaras desligam a iluminação pública minutos antes do sol iluminar convenientemente as ruas, ou retardam ligá-la ao fim do dia, criando situações potencialmente perigosas, numa altura em que a percepção visual é deficiente, como se sabe, ao amanhecer e anoitecer.

3. Qualquer condutor que já tenha circulado por essa Europa, ou mesmo bastando ir aqui ao lado a Espanha, pode constatar como investem na prevenção rodoviária, através de sinalização vertical e horizontal em quantidade e qualidade.

# APEDS

Necessitamos da sua contribuição, disponibilidade e apoio para as próximas realizações.

Inscreva-se e apoie a nossa Associação.

Traga os seus colegas de curso, filhos, netos, amigos... todos os que quiserem, de alguma forma, ajudar.

Contamos consigo.

Se nos quiser contactar por email pode fazê-lo através do endereço [apedes@apedes.eu](mailto:apedes@apedes.eu)

Se nos quisiere contactar pode, também, fazê-lo através do site [www.apedes.eu](http://www.apedes.eu).

O Conselho Executivo agradece.

Contamos consigo.

## *Caixa de sugestões*

Nome:

Associado n.º:

Deixe aqui a sua sugestão. Nós agradecemos: